

# Numa encruzilhada dos homens

(A-propósito

das *Cartas Intemporais* de José Régio publicadas na *Seara Nova* n.ºs 608 e 609)

A humanidade chegou a uma encruzilhada. O momento não é favorável a longas hesitações. Cada qual tem que escolher um caminho: para um lado ou para o outro. A história não pára e a humanidade segue. O grande problema é a direcção que ela seguirá. Aos homens cabe escolher e decidir.

São inúteis os esforços para libertar do conflito presente certas esferas da actividade humana. O destino do mundo está em jôgo. Tôdas as actividades humanas intervêm numa forma operante na determinação do destino do mundo.

Claro que há berros, lutas e oscilações. E, como consequência, homens que se assustam ou horrorizam. Alguns dêesses homens afastam-se prudentemente, monologando acêrca dos horrores da luta travada. ¿Desconhecerao êles os gritos das parturientes? O clamor desorienta-os e leva-os a procurar a solidão. Julgam assim libertar-se da necessidade de escolher um caminho. Afinal, essa fuga traduz uma escolha em frente da encruzilhada. Porque êesses homens não se calam; antes aconselham os outros a irem ter com êles. São os cansados que pregam o cansaço. Os desalentados que pregam o desalento. Os solitários que pregam a solidão.

A vida para êesses homens pouco mais é que a apreciação do próprio cansaço, do próprio desalento, da própria solidão. Muitos nem chegam a aperceber-se de que as determinantes dêesse cansaço, dêesse desalento e dessa solidão se encontram no barulho e nas oscilações das lutas na encruzilhada. Esquecem essas determinantes e ajeitam-se na incômoda posição de José Régio:

«Vergo a cabeça sôbre o peito  
Concentro os olhos sôbre o umbigo»

(*Encruzilhadas de Deus*, Mitologia)

O seu *eu* passa a ser motivo predominante da sua vida. Só por acaso lá à sua peanha chega o ruído das lutas que se travam na encruzilhada, para evitar recordações que perturbem a sua fremente análise interior, a sua vida pessoal e solitária.

«¿ Que rumor é aquêlo? não sentes?  
— Meu amor, que te importa?  
— É a vida a dar sócos na porta.  
É lá fora. São êles. É o mundo. São gentes...  
— São gentes? Quem são?  
— São colegas, amigos, parentes...  
— Vai dizer-lhes que não! Vai dizer-lhes que não!»

(José Régio — *id.* Meu menino, *id.*, *id.*)

Esta recusa a saber do que se passa lá fora do campo da sua vida íntima; esta recusa a conhecer do sofrimento e das esperanças das "gentes"; exprime uma atitude frente à encruzilhada. A atitude de maior comodidade, embora não a de maior felicidade. Fugir do mundo barulhento e prenehe de ódios e amor, para não participar nem nos barulhos, nem nos ódios, nem mesmo no amor. Fugir da encruzilhada para não ter que escolher caminho em colaboração com vastos colectivos, barulhentos e prenehes de ódios e de apaixonadas afeições. Ficar só para chorar a desgraça alheia e a própria desgraça. Ficar só, só, só! Adorar o próprio umbigo e cantar!

É evidente que tais solitários não podem compreender o que se passa na encruzilhada. Por isso, quando as multidões cantam, — cantam os seus sofrimentos, as suas esperanças, as suas escolhas —, os tais solitários, se a música lhes chega aos ouvidos, gritam lá do alto da sua solidão: — O canto não deve servir os vossos fins. Há que distinguir o canto — eu, que sou um cantor, distinguo o canto — das vossas pretensões, das vossas preferências, das vossas esperanças. Entretanto êesses solitários vão cantando o próprio umbigo, esquecendo que, assim, se servem do canto para servir os seus fins. Pois

...«bem sei que sou o meu único fim».

(José Régio — *id.*, Poema do silêncio)

Precisamente porque se está numa encruzilhada; precisamente porque a sorte de milhares de homens depende do caminho que será seguido; as atenções de todos aquêles que sentem a gravidade e importância decisiva (para a própria vida e para a vida da humanidade) dos momentos presentes, se concentram na possível saída do embaraço. Homens que assim sintam, apreciam e julgam as "obras do espírito" (e em particular as obras de arte) pelo que elas podem influir na direcção futura da humanidade. Da mesma forma, artistas que assim sintam, fazem naturalmente reflectir nas suas produções artísticas as preocupações que os obcecam. A única diferença entre estes artistas e os artistas solitários é que, emquanto a obcecação dêestes é o próprio umbigo, a daqueles é a sorte da humanidade. Mas, quer uns quer outros, põem naturalmente a arte ao serviço de qualquer coisa: nuns, êesse qualquer coisa é a vida de milhões de sêres;

noutros êsse qualquer coisa é o próprio umbigo. (O próprio José Régio aconselha cada artista a falar "do que mais profundamente sente, pensa, imagina, sonha, vive, sabe" — *Seara Nova*, n.º 609).

Mas com esta explicação não se acomodam os defensores do cantar por cantar e para cantar. Por isso José Régio afirma que

"Não se deve confundir literatura (falo daquele aspecto principal da literatura que é a arte literária) com a política ou sociologia nem a arte literária é propaganda seja do que fôr".

É transparente como água que literatura não é política nem sociologia e que arte literária não é propaganda. Mas não é menos transparente que tôda a obra literária — voluntária ou involuntariamente — exprime uma posição política e social e que tôda ela faz propaganda seja do que fôr (inclusivamente do próprio umbigo). Simplesmente, há quem prefira, pelas razões atrás expostas, as obras literárias que exprimem *determinada* posição política e social às obras literárias que exprimem *outra* posição política e social. E uma posição política e social não existe só quando se afirma claramente a preferência por um ou outro dos caminhos que saem da encruzilhada, mas existe ainda quando há um afastamento da encruzilhada. Creio — digo-o quasi sem ironia — que a "adoração do próprio umbigo" exprime também uma posição (e até uma atitude) política e social...

As mais sentidas preferências de quem se não afastou da encruzilhada vão para as obras literárias que explicam o que é a encruzilhada ou definem em relação a ela a posição que é a do preferente. Isto sem excluir a apreciação do aspecto "puramente literário". Um exemplo: Eu tenho José Régio como um dos mais poderosos e capazes poetas portugueses contemporâneos — quanto ao potencial e capacidade de *expressão*. Tenho *As Encruzilhadas de Deus* como uma das mais vibrantes obras poéticas portuguesas contemporâneas. Mas tenho também José Régio, a sua poesia, o *conteúdo* da sua poesia, como uma expressão dolorosa da fuga, do cansaço, da renúncia, daqueles que não teem fôrça e sensibilidade para permanecer corajosamente onde se degladiam as multidões. A poesia de José Régio exalta uma posição (e até uma atitude) condenável, fracassada e decadente. Por isso deve ser combatida. Por isso entendo que, embora apreciada sob o ponto de vista "puramente literário", deve ser *preterida*. E o que se dá comigo em relação à poesia de José Régio pode dar-se, ainda que excepcionalmente, com os admiradores do próprio umbigo em relação às obras literárias que indicam às multidões um caminho e um fim político e social.

Diz José Régio, a-propósito-de literatura brasileira e da preferência que por ela se nota entre nós:

... "não é verdadeiramente o amor da literatura ou a fina consciência crítica (coisas talvez menos correntes do que se julga) que atraem tantos, hoje, a tanto falar de livros, nem mesmo sensivelmente melhores do que outros, portugueses, passados em relativo silêncio. O interesse literário e o interesse crítico são neste caso confundidos (ou submetidos a) interesses da mais variada espécie" (*Cartas Intemporais*).

Muitos jovens críticos (e muitos jovens leitores que não são críticos) são atraídos a falar e mesmo *rèclamar* certos livros que embora, no aspecto da "arte pura", não representem um máximo, vão contudo de encontro às preocupações e ansiedades mais prementes dêsses jovens críticos e dêsses jovens leitores. Talvez isto explique por que se "veneram e respeitam" alguns escritores medíocres sob o aspecto de "arte pura" e se não venera a atitude na vida (expressa nas suas produções poéticas) do notável (sob o aspecto de arte pura) poeta José Régio.

Evidentemente que tal atitude de jovens críticos e outros jovens pode chocar certos espíritos imparciais, supervidentes, experimentados, feitos... A razão dêste facto já foi dita. É que êsses tais espíritos afastaram-se da encruzilhada e resolveram aplicar-se ao estudo do próprio umbigo. Êsse mesmo estudo lhes deu a conhecer o mundo, os tornou imparciais, supervidentes, experimentados e feitos... Emquanto que os tais jovens ficaram na encruzilhada e aí jogam a morte pela vida. ¿Que admirar da sua falta de tempo para se preocuparem e prenderem com a "arte pura"?

E ainda: Como pode José Régio (que "refocila com voluptuosidade intelectual no seu burguesismo no seu atrazo, na sua precoce velhice" — *Cartas Intemporais*) avaliar até que ponto "interesses da mais variada ordem" e "inclinações da mais variada espécie" podem "submeter", em homens que sofrem e necessitam e querem um caminho, os puríssimos interesse literário e interesse crítico? Um homem pode pensar ser magnífica uma obra literária, como obra de "arte pura", e ao mesmo tempo compreender a necessidade de repelir tal obra de arte, de a lançar para um canto donde não perturbe a necessária linha de conduta de companheiros seus, ou de, mostrando-a, comentá-la fortemente. É que há a encruzilhada. E há um caminho a escolher. E há a sorte dum mundo.

O problema não é de "farejar o talento onde quer que se encontre" (*Cartas Intemporais*), mas sim de encontrar *atitudes* de outros homens que nos fortaleçam, nos entusiasmem ou nos esclareçam acêrca do caminho a tomar na encruzilhada. É inútil um talento que se limita a adorar o próprio umbigo.

Aos homens a quem importa o futuro da hu-

manidade não interessa farejar nem encontrar um tal talento. E, pelo contrário, pode interessar farejar e encontrar artistas menos talentosos entre aquêles que não foram para a solidão monologar acêrca do seu eu, entre aquêles que ficaram no campo dos gritos e dos choques.

Não interessa o homem isolado dos efeitos das suas acções. Para os homens que se degladiam na encruzilhada, um homem interessa ou vale, na medida em que os acompanha na dôr, na luta e na esperança.

ÁLVARO CUNHAL

## NOTA

*A publicação do artigo de Álvaro Cunhal, a-propósito das Cartas Intemporais de José Régio, não envolve o menor desprimor para este último. Julgámos que não devíamos recusar fazer ouvir aos nossos leitores aquêle generoso e caloroso grito, tão vibrante de sinceridade e juventude. Êle exprime com vigor os sentimentos de grande parte duma geração; e só por êsse carácter representativo lem um interêsse muito especial.*

*José Régio não precisa da nossa defesa, mas é nosso dever afirmar que a sua concepção da arte e da critica literária, sendo discutível, é perfeitamente legítima. A contemplação do próprio umbigo, posição incômoda que tanto dá no gôto dos anti-contemplativos, não é um acto de narcisismo deleitoso, mas de inquietação humana, dolorosa, incoercível. Não há só dôres de base económica; as lágrima*

*mas duma heroína de Racine não são menos dolorosas que as de Katucha; quando se debruça sobre o próprio umbigo é como se o poeta se debruçasse sobre o umbigo, sobre as entranhas, de todos os homens. E não há, afinal, como os Eremitas para conduzirem as multidões às portas das Cidades Santas.*

*De resto, um artista como José Régio, pairando soberanamente sobre as últimas gerações portuguesas, como poeta e como prosador, com uma envergadura indiscutível de génio, não é apenas uma individualidade da maior pulcritude moral, enancado precocemente no culto exclusivo da arte, anti-acadêmico no sentido estreito do academismo, inconformista, renovador, possuindo a mais aguda penetração modernista. Álvaro Cunhal reconhecerá quanto é injusto o tom indignado e levemente motejador das suas palavras, se ler ou reler Jacob e o Anjo. O grande artista que concebeu essa tragédia espiritual, numa atmosfera de sonho febricitante, entre a razão que vacila e os lampejos da loucura, não é de formação raciniana, de resto só na aparência serena — mas da estirpe intemporal de Shakespeare, de tôdas as idades, e raças, e classes, e meios, de tal maneira que o príncipe da Dinamarca, o desgraçado rei medieval, o mouro de Veneza, e Ofélia, e Desdêmona e Cordélia, ou Lady Macbeth, estão, pelo ódio, o amor, o ciúme, a ternura, a desgraça e a perfídia, igualmente nas almas dos párias e dos deuses, projectando-se até à nossa época sem o beneplácito de Romain Rolland. E não será verdade que as encruzilhadas de Deus se confundem, quasi sempre, com as encruzilhadas dos homens?*

*... Ao ler, em provas, esta nota, lembra-nos um amigo que Shakespeare foi o mais «populista» dos escritores; e iríamos já embrenhar-nos num novo e atraente jôgo de ideias, se esta nota não tivesse um justo limite.— C. R.*



# Polémica e abstenção

## VII

Mas — há mais ainda: é que, forçosamente, o nosso pensador sério e sincero será, mesmo sem dar por isso, arrastado para o terreno lamacento e ignóbil onde o outro se ergueu para combater. Ainda se a polémica se mantivesse fãcilmente naquele nível em que são apenas as ideias que se degladiam, em que se guarda a-pesar-de tudo um certo objectivismo, — talvez nós pudéssemos sair mais ou menos limpos da contenda, a-pesar da incompreensão, da trapalhice confessa, da deshonestidade intelectual e da má-fé do outro. Mas todos sabem que não é assim que se passam as coisas nesta nossa terra. Pouco a pouco insinuar-se-ão as acusações pessoais, as calúnias, os insultos, os achincalhes, a intriga, tôdas as variações, em suma, do mais baixo jornalismo. E pode então acontecer, sobretudo se o homem excepcional de que vimos falando é bravo e é combativo, que êle não saiba cortar imediatamente e retirar-se digno e limpo para a sua tenda, pode então acontecer que êle não saiba resistir a êste pendor, e até mesmo (em Roma sê romano) aceite combater com armas semelhantes às dos outros (não, é claro, o cacete,

a pedrada, mas — abandonando, porém, o campo da ideia pura — qualquer florete ágil, qualquer chicote sibilante). Será então aquela situação em que, com espírito ou não, mas só tolerando aquilo em que há espírito, nos encontramos quando temos a fraqueza de aceitar por um momento uma sociedade de «piadistas», em que as armas não são as que nós conhecemos e em que a galeria será contra nós seguramente. Quere dizer: se nos atacam, é sabido que só nos será dada a vitória adaptando-nos nós ao ambiente e combatendo os outros com as suas próprias armas (as únicas que êles aceitam e estimam), as armas que teremos afinal de aprender improvisadamente a manejar — como é, neste exemplo, a «piada».

Ora, a verdade — temos de o confessar para lição do nosso imprudente — é que, mesmo quando o nosso filósofo tem um espírito verdadeiramente maleável e vivaz, e é assim capaz de se adaptar a todos os tons com vantagem, o combate redonda sempre muito desigual. Em primeiro lugar, é preciso convir que neste terreno, no terreno da polémica-graça, da polémica-insinuação, da polé-